
A ERA ESPACIAL DE HELENA KOLODY: UMA CRÍTICA ROMÂNTICA DA TECNOLOGIA

Gilson Leandro Queluz¹

Período de recebimento dos textos: 01/02/2014 a 30/03/2014.

Data de aceite: 30/04/2014.

Resumo: Este texto pretende discutir as representações de tecnologia sugeridas no livro *Era Espacial* da poeta paranaense Helena Kolody, publicado em 1966. Procurou-se compreender sua crítica à tecnologia e ao processo de racionalização técnica das relações humanas, especialmente no decorrer da década de 60. Demonstraremos que esta crítica é expressão de uma romântica resistência ao desencantamento do mundo trazido pelo capitalismo. Apresentaremos algumas possibilidades de interpretação sobre as representações de tecnologia e da matéria na poesia de Helena Kolody, uma temática que, talvez, seja secundária em sua obra, porém, capaz de trazer novas formas de compreensão para as relações entre literatura e história, materialidade sógnica e materialidade histórica.

Palavras-chave: Helena Kolody, Representações de Ciência e Tecnologia, Romantismo, Literatura e História, Era Espacial

Abstract

HELENA KOLODY'S SPACE AGE/ THE SPACE AGE OF HELENA KOLODY: A "TRANSCENDENT" CRITIQUE OF TECHNOLOGY

This paper will discuss representations of technology in the book *Era Espacial* (Space Age) of the Brazilian poet from the state of Parana Helena Kolody, published in 1966, seeking to understand her critique to technology and to the process of technical rationalization of human relations in the 1960's. We will try to demonstrate that this criticism is the expression of a romantic resistance to the disenchantment of the world brought about by capitalism. We will present some possibilities of interpretation on the representations of technology and of the matter in the poetry of Helena Kolody, a thematic that is perhaps secondary in her work, but which might be able to bring new ways for understanding the relationship between literature and history, materiality of the sign and historical materiality.

Keywords: Helena Kolody, Representations of Science and Technology, Romanticism, Literature and History, Space Age.

¹Professor do Programa de Pós- Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná(UTFPR). Doutor em Comunicação e Semiótica, PUC-SP.

Introdução

Este texto pretende discutir as representações de tecnologia sugeridas no livro *Era Espacial*(KOLODY, 1966)², publicado em 1966, pela poeta paranaense Helena Kolody,³procurando compreender sua crítica à tecnologia e ao processo de racionalização técnica das relações humanas. Demonstraremos que esta crítica é expressão de uma romântica resistência ao desencantamento do mundo trazido pelo capitalismo. O Romantismo será compreendido aqui, nos termos de Michel Lowy, como “uma corrente sócio-política” marcada pela “nostalgia das sociedades pré-capitalistas e uma crítica ético-social ou cultural ao capitalismo”⁴(LOWY,1990, p. 12).

Como primeiro passo desta análise, consideramos necessário enunciar um cuidado metodológico, coincidente, com aquele apontado Chalhoub e Pereira

A proposta é historicizar a obra literária- seja ela, conto, crônica, poesia ou romance-, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social - algo que faz mesmo ao negar fazê-lo”(1998, p. 7).

Cabe ressaltar que perceber a historicidade da literatura não é tomá-la como um simples reflexo da sociedade. A nosso ver, os signos não apenas refletem o mundo mas, também o refratam, ou seja, o “processo de transmutação do mundo em matéria significativa se dá sempre atravessado pela refração dos quadros axiológicos” (FARACO, 2003, p. 49). Os signos

²KOLODY, Helena. **Era Espacial/Trilha Sonora**.Curitiba:Editora do SENAI, 1966. *Era Espacial* e *Trilha Sonora* são dois livros publicados em edição única, porém independentes, inclusive em relação a numeração das páginas. Por este motivo, para facilitar o entendimento, as citações da obra *Era Espacial* serão seguidas de 1966a e as da *Trilha Sonora* de 1966b.

³No ano de 2012, comemorou-se o centenário de nascimento da poetisa paranaense Helena Kolody (1912-2004). Sobre sua vida e obra, ver: Cruz(1993)e KOLODY(1995)

⁴Ver também. Lowy&Sayre(1993)

emergem das relações sociais e as significam, transformando-as.

Neste sentido, procuraremos analisar algumas das representações de técnica e tecnologia, construídas por Helena Kolody no livro *Era Espacial*, como parte de uma “política de representações”, de um combate pela construção de uma sociedade. Marilena Chauí comenta que a “produção de representações é uma dimensão da práxis social tanto quanto as ações efetivamente realizadas pelos agentes sociais. Pensar e representar são momentos da práxis tanto quanto agir, este e aqueles exprimindo, dramatizando e ocultando uns aos outros no movimento pelo qual uma sociedade se efetua como sociedade determinada” (CHAUÍ & FRANCO, 1978, p. 9). As representações não somente refletem a estrutura social, mas também são constituintes da mesma, tendo o poder de modificar a realidade que parece refletir (Burke, 2005, p. 84). Revestem-se de fundamental importância as lutas de representação, “cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social” (CHARTIER, 1991). Desta forma, podemos perceber tanto a produção material da ordem cultural, quanto perceber a literatura como força produtiva, como um dos “meios de produção e reprodução da vida real”(WILLIAMS, 2009, p. 126). Como Williams, devemos estar atentos ao fato de que a literatura é um “processo e o resultado da composição dentro das propriedades sociais e formais da linguagem”(WILLIAMS, 2009, p. 66).

As representações sobre tecnologia que serão aqui analisadas, tem uma característica especial, pois, os

Objetos, tecnologias, ainda sistemas tecnológicos – estradas de ferro e pontes, luzes elétricas, e motores - carregam, como resultado dessa complexidade e sutileza, muitos níveis de significado cultural ...esses significados podem às vezes ser mais potentes para as pessoas do que as funções sociais e econômicas para as quais esses objetos, tecnologias e sistemas tecnológicos foram projetados(Cowan, 1997, p. 218).

A tecnologia, nesta perspectiva, é expressão cultural das experiências

vividas. Nossas identidades são construídas em diálogo, direto ou mediado, com os artefatos, coisas, meios de produção com os quais convivemos e que são signos concretos de nossa permanência e transformação no mundo. Em nossa sociedade industrial, os conjuntos de representações sobre a tecnologia tendem a se articular em narrativas tecnológicas de caráter determinista, seja na exaltação da tecnologia como fator determinante da vida social, seja nos alertas apocalípticos sobre os seus efeitos negativos nas relações sociais. Este determinismo tecnológico caminha simultaneamente com os processos de alienação social presentes no próprio processo produtivo, no qual o agenciamento humano da produção é subestimado e o papel dos meios produtivos é superestimado. Contra estas narrativas hegemônicas brotam narrativas alternativas, como aquela em que a tecnologia surge como fruto das relações sociais, das experiências históricas concretas e não como uma abstração exógena ao social (NYE, 1997). Estas representações, enfeixadas ou não em narrativas tecnológicas coerentes, proliferaram na literatura dos séculos XIX e XX. Tentaremos compreender como Helena Kolody mobiliza e produz representações de tecnologia em uma narrativa alternativa, de caráter romântico, contraditória, que se opõe, a partir da exaltação de um conjunto de valores qualitativos, ao desencantamento do mundo, à quantificação e mecanização do trabalho, à ruptura das relações sociais tradicionais, em um contexto de intensificação da modernização tecnológica (LÖWY & SAYRE, 1993).

Helena Kolody e a Era Espacial

O livro *A Era Espacial* foi publicado em 1966, como uma edição da autora, impresso no SENAI. Helena Kolody, após a escritura de um livro, geralmente o levava para a gráfica, neste caso do Senai, onde acompanhava detalhadamente o processo de impressão. Podemos imaginar algo semelhante

ao processo de produção material do seu primeiro livro, *Paisagem Interior* em 1941, por ela descrito em 1995,

Estava em 41, época em que meu pai morreu - aliás, eu estava preparando o livro em homenagem a ele que ia fazer 60 anos. O doutor Rodrigo foi quem deu a ideia de procurar a Escola Técnica, hoje CEFET. Aí fui falar com uma pessoa maravilhosa o professor Olavo Milheiros... Só que ali eles tinham um jeito de publicar que não me agradava: cada página era como um reclame, porque isso servia de exercício de aprendizado para os alunos...Então cheguei e disse: “ professor Olavo, eu queria que o livro saísse com todas as páginas usando um só tipo de letra e com apenas um tipo de friso” Ele aceitou, mas me disse que eu precisaria comprar o papel...Eu só tinha 200 mil réis e queria comprar o máximo de folhas e, claro, queria o melhor papel que existia. Então comprei um bem encorpado, que se chamava apergaminhado de 40 kg, sem marca d'água. Com isso, pude acompanhar meu livro desde o início da gestação gráfica(KOLODY, 1995, p. 19-20)

Kolody publicaria seus livros por conta própria, neste processo de produção meio artesanal, ou meio industrial, até 1980⁵: interação de métodos - um processo artesanal de produção das palavras, conjugado a uma instituição de treinamento para o mundo industrial. Este processo se complexifica se imaginado em contraste com o pano de fundo do próprio livro de Kolody de 1966, a crítica à era espacial, quando a cibernética, aparentemente, continha em si a promessa messiânica - não cumprida - de um novo tempo.

Os anos sessenta são marcados internacionalmente pelo ápice da Guerra Fria. A crise atômica entre EUA e Rússia, causada pela colocação de mísseis soviéticos no território de Cuba e a Guerra do Vietnã são dois conhecidos momentos deste quadro de conflito entre as duas superpotências nucleares. Porém, a espetacularização deste conflito tem sua melhor síntese na corrida espacial entre EUA e União Soviética, que se constitui em uma poderosa “manifestação e símbolo das mais profundas estruturas da ordem cultural e econômica”(DICK & LAUNIUS, p. XII). O espetáculo da

⁵Seu primeiro livro publicado por uma editora foi Sempre Palavra, pela Editora Criar em 1983.

exploração das fronteiras espaciais por americanos e soviéticos, que tem como marco inicial o lançamento do Sputnik, pela URSS, em 1957 e a resposta americana com o envio do Explorer 1, em 1958, atingiria o seu ápice em 1969 com a midiática missão à Lua da Apollo XI.⁶ A “era espacial” foi marcada por uma luta de representações sociais, sendo vista, por exemplo: como símbolo da capacidade de um estado tecnocrático, gerido por cientistas e técnicos, de melhorar a sociedade(NYE,1997, p.157); como vanguarda e propaganda dos desenvolvimentos tecnológicos oriundos do complexo industrial-militar americano(COWAN, 1997, p. 264); como reafirmação dos valores centrais do socialismo soviético ou do capitalismo democrático americano; como signo da abertura de novas fronteiras, não somente as espaciais, mas, especialmente, as tecnológicas(NYE,1997, p.160); como novo elemento argumentativo para o movimento ecológico, sobre as limitações do espaço terrestre e da necessidade de sua preservação; como signo de novas ambições imperialistas e das possibilidades de um novo colonialismo, através da eventual ocupação territorial de planetas (BILLINGS, 2007).⁷

A Corrida Espacial foi simultânea ao que Eric Hobsbawm denomina “Era de Ouro”, um período de crescimento da economia mundial com taxas expressivas; de adoção dos padrões tayloristas fordistas em países em desenvolvimento; de desenvolvimento tecnológico no setor energético, com a utilização da energia atômica; no setor agrícola, com a revolução verde provocada por fertilizantes e pesticidas; no setor eletrônico pelos processos de miniaturização, como o do rádio, e do surgimento da televisão e dos primeiros

⁶Para uma melhor compreensão do contexto da “era espacial” ver:Melo&Winter (2007).

⁷Para o caso americano, Linda Billings argumentaria que a narrativa cultural de “defesa da corrida espacial pode ser examinada como um ritual cultural, encenado pelos meios de comunicação(retórica), com o propósito de manter a ordem social corrente, com sua desequilibrada distribuição de poder e recursos, perpetuando os valores daqueles no controle desta ordem(materialismo, comunismo, progresso tecnológico, direitos à propriedade privada, democracia capitalista”. Ver: Billings(2007, p. 496)

computadores digitais para fins civis(HOBSBAWM, 1995, p. 259-263). Neste sentido, a promessa do novo como fator central de venda e espetacularização das mercadorias, teria tomado a consciência dos consumidores/cidadãos. O desenvolvimento tecnológico científico, por sua vez, foi cada vez mais marcado pela utilização intensiva de capitais e por um processo de pesquisa e desenvolvimento marcado pelo novo padrão da *big Science*(HOBSBAWM, 1995, p. 259-263): Estes padrões seriam, de maneira geral, emulados pelos ideólogos do nacional-desenvolvimentismo e contestados parcial, ou completamente, pelos pensadores das diversas tonalidades do nacionalismo econômico nos países do “terceiro mundo”, como o Brasil (VIZENTINI, 2008).

Se o mundo assistia fascinado e temeroso à corrida espacial derivada da guerra fria, no Brasil os contraditórios anos dourados mergulhavam nas sombras da ditadura, em 1964. Nela, o discurso tecnocrático assumia uma nova dimensão, com o desejo violento de racionalização das relações sociais, implícito em um projeto autoritário de modernização, transformado num objetivo declarado do estado militarizado.

É neste contexto que Helena Kolody empreende sua crítica à tecnologia e ao processo de racionalização técnica das relações humanas, no livro *Era Espacial*. Hellê Velozo e Fernandes e América da Costa Sabóia comentariam: “No livro *Era Espacial*, do qual fazem parte *Maquinomem e Século Atômico*, a autora abre um hiato no seu mundo interior para fixar aspectos típicos da vida atual”(apud CRUZ, 1993, p. 31).

Paulo Venturelli, ao comentar a característica do “afastamento do social” típico da obra da autora, frisa que até mesmo *Era Espacial*, “que traz no título uma conotação de modernidade contemporânea e um sentido de avanço em termos de progresso no mais amplo sentido, sugerindo um trabalho sobre tecnologia a partir de novas visões que ela proporciona”(VENTURELLI, 1995,

p. 17), mantém a tendência da autora de “alojar-se no profundo de nós mesmos” para atingir a “posse de si como um domínio fechado”(VENTURELLI, 1995, p. 11). Isto, no caso desta obra, levaria à constatação de que “todo o avanço da ciência não têm trazido nenhum lenitivo às antigas chagas que ferem a humanidade desde sempre”(VENTURELLI, 1995, p. 17).

Acreditamos que o livro *Era Espacial* apresenta uma abertura significativa às vozes sociais da transformação, fazendo com que o domínio fechado de si, almejado por Kolody, constatado por Venturelli, seja, na verdade, um mundo interior marcado pela “dialogização da heterogeneidade das vozes sociais”(Fiorin, 2006, p. 58) e pela construção de uma resistência romântica/religiosa às transformações sociais. Nas palavras de Cruz, a poesia seria uma “espécie de tradução da instabilidade interior provocada pelo desequilíbrio do mundo exterior”(CRUZ, 1993, p. 62). A poesia de Kolody, através da voz dominante da poeta sobre as vozes sociais que plasmam a sua consciência, provoca um deslocamento neutralizador das contradições sociais, carregado de angústia e religiosidade. Sua visão romântica de mundo opõe à civilização capitalista baseada na quantificação, na tecnificação, no preço, no dinheiro, na mercadoria e no frio cálculo do lucro, os valores qualitativos de caráter pré-capitalista, como os religiosos ou comunitários(LOWY, 1990, p. 13).

O livro a *Era Espacial* demonstra esta reação de Kolody ao desencantamento do mundo trazido pela modernidade capitalista. O primeiro poema desta obra, denominado “Cosmos”, apresenta-nos o universo como uma harmônica e pacífica criação divina, onde “ondas incansáveis/do espaço e do tempo/ se quebram, em silêncio, aos pés de Deus”(KOLODY, 1966, p. 7). Porém, o poema seguinte já nos indica a crescente desarmonia, o silêncio gradual da natureza provocado pela técnica. A pergunta, formulada

s sucessivamente - “quem canta?” - não é respondida pela poeta, que apenas indica que “na árvore doente do mundo,/ cresce um letal cogumelo./ Há moscardos teleguiados/a zumbir sobre o futuro” (KOLODY, 1966, p. 9). Portanto, no adoecimento da natureza, trazido pela sua artificialização feita pela técnica, multiplicam-se os perigos de sua completa destruição.

O processo de desencantamento do mundo é explicitado no poema “Cosmonauta”.

Sobem para os descobrimentos as espaçonaves,
num afã de conquista alucinante.
Mas nenhum controle remoto corrige o coração
carente de calor humano. (KOLODY, 1966a, 12)

O ser humano, em seu processo de conquista e reificação desenfreada da natureza, perde os valores da solidariedade social, e, com esta perda, advém o isolamento e o abandono. Kolody tematiza a solidão que é expressa em seu auge na impossibilidade da comunicação: “perdeu-se a solidariedade das palavras/ num mundo que desmorona sem cessar”(KOLODY, 1966^a, p. 13). Ela apela para a imagem do desmoronamento, das ruínas do mundo, tipicamente romântica, para expressar o sentimento de desencantamento.

Os foguetes, que representam a ascensão da racionalidade tecnológica que domina o mundo da vida, auxiliam a destruição do imaginário constituído em torno dos planetas, que é ameaçado de dissolução pela exploração espacial, como presente no poema “Lua profanada”:

Não é mais a nativa Jaci, mãe dos frutos,
nemselene viajadora das planuras siderais.
Ela é agora, um astro morto,
um satélite explorado
pelas naves espaciais(KOLODY, 1966 a, p. 15).

Esta mesma imagem do foguete supersônico, que, ao se dirigir ao espaço, o desencanta, está expressa no poema “Vênus”:

Na tela crua dos filmes espaciais,
a face escura de Vênus,

nebulosa e manchada,
chora o mistério perdido(KOLODY, 1966 a, p. 11).

A crítica à tecnologia, feita por Kolody, no livro *Era Espacial*, também está presente no temor tipicamente romântico da mecanização do mundo e, especialmente, a mecanização do próprio ser humano. Este temor está explicitado, por exemplo, no poema “Maquinomem”, onde a hibridização homem/ máquina já está presente no título:

O homem esposou a máquina
e gerou um híbrido estranho:
um cronômetro no peito
e um dínamo no crânio(KOLODY, 1966 a, p. 11)

Kolody, em sua crítica poética, reúne imagens poderosas: o dínamo-motor que simboliza o mundo industrial moderno e o relógio que, como sabemos, através de autores como Mumford(1982) e Thompson(2005), é uma das máquinas símbolos dos novos processos sociais de produção, ao se transformar em instrumento de inculcamento de novas noções de controle social do tempo e de controle do tempo no mundo da fábrica. Para Kolody, seríamos os híbridos maquínicos deste processo técnico industrial. O próprio corpo seria tomado por este percurso, com o coração-cronômetro, o cérebro-dínamo, ou ainda, as hemácias/algarismos como nos versos: “As hemácias de seu sangue/são redondos algarismos”(KOLODY, 1966 a, p. 22).

Esta crítica à padronização das vidas humanas pela incorporação em seus corpos e atitudes dos ritmos e lógica das técnicas, surge de forma ainda mais contundente no poema “Clones”, do livro *Ontem Agora*:

Seres programados:
as mesmas atitudes,
as mesmas ideias,
as mesmas decisões (KOLODY, 2011, p. 36)⁸.

⁸ Para as citações de outras poemas de Helena Kolody, que não aqueles presentes na obra *Era Espacial*, utilizaremos como referência a coletânea *Infinita Sinfonia*, organizada, em 2011, por

A racionalização de corpos, comportamentos e da própria sociedade, teria como signo a estatística, aquela que oculta, por meio de normalizações matemáticas, diferentes sujeitos e vivências sociais. Kolody, desta forma, critica a quantificação do humano, componente fundamental do ethos do capitalismo industrial, ao expressar que na espinhosa vida humana, “crescem cactos estatísticos/em seus abstratos jardins” (KOLODY, 1966 a, p. 22).

A matematização do mundo, coligada à cibernética, seria considerada, pela poetisa, como índice do processo de desumanização na modernidade, em seu espírito de cálculo racional, como no poema “Cifra”, do livro *Infinito Presente*⁹,

Na floresta reduzida
a formulários e fichas,
extravia-se o vivente.

Desumaniza-se em números,
códigos e referências.
Sacia a fome eletrônica
dos computadores (KOLODY, 2011, p. 71)

Na modernidade, os seres humanos estariam dilacerados interiormente, em meio aos sistemas de planejamento e padronização do cotidiano,

Exato planejamento,
a vida do maquinomem.
Trepidam as engrenagens
no esforço das realizações (KOLODY, 1966 a, p. 22).

Kolody expressa sensivelmente, em sua romântica contestação contra o desencantamento do mundo, um lúcido combate ao efeito de reificação que se apossa da cultura e da vida na “sociedade tecnológica”, para utilizarmos termos da Escola de Frankfurt¹⁰. A poeta parece denunciar uma característica da

Adélia Maria Wolner (2011). O poema “Clones”, foi publicado originalmente no livro *Ontem Agora* em 1991.

⁹O livro *Infinito Presente* foi publicado originalmente em 1980.

¹⁰Sobre a Escola de Frankfurt, ver: Mattos (1989).

sociedade industrial, a de aprofundamento da alienação através da penetração da racionalidade técnica nas diversas dimensões das atividades humanas, o que, para Marcuse, potencialmente conduziria a um pensamento único e a um homem unidimensional(MARCUSE, 1973).

Em outros livros da autora, poemas como “Motivo Cibernético” radicalizaram esta tendência crítica de Kolody, apontando com um certo pessimismo a escravidão dos homens às máquinas:

Polimultiplurimáquinas
estiram os nossos nervos
nos giros da exatidão
No campo vibrante
de circuitos e painéis,
tecniscravos apascentam
rebanhos sagrados
de monstros eletrônicos(KOLODY, 2011, p. 89)¹¹

A crítica à conformação e padronização dos seres humanos pela técnica aparece, também, no poema “Século Atômico”, no qual a cidade - palco privilegiado da modernidade, de exposição das contradições sociais advindas do sistema de fábricas, e máquina semiótica por excelência, pois local de educação e constituição dos imaginários sociais através da proliferação sígnica -, é o cenário da geometrização das vidas:

Nas metrópoles milimetradas,
cortadas de ordenadas e abscissas,
vivem homens do século atômico,
enlatados nos arranhas céus, selados pelos regulamentos,
catalogados(KOLODY, 1966 a, p. 22).

No livro *Era Espacial*, porém, ocorre um deslocamento ainda mais radical, de caráter religioso, dos perigos da reificação da vida pela técnica, quando o foguete/técnica é representado como o novo bezerro de ouro, novo deus, responsável por sacrifícios humanos, como no poema “Astronave”,

Soberbo monumento da astronáutica

¹¹O poema Motivo Cibernético, foi publicado originalmente no livro *Tempo* de 1970

num pedestal de cifras.
Bezerro de ouro,
cosmonave!
Milhares de famintos
baixaram ao vale da morte,
para que pudesses subir(KOLODY, 1966 a, p. 24).

Esta combinação técnica-morte, matéria-vida fugidia, é reiterada no poema “Herança Atômica”, em que indaga, com veios apocalípticos, acerca da possibilidade do desencantamento do mundo na sociedade contemporânea transformar-se, potencialmente, em destruição do mundo,

[...]Da sementeira das bombas,
nascerão uns tristes monstros,
sem olhos para a beleza,
sem pés, talvez, e sem mãos.

Serão esses os herdeiros
das conquistas espaciais?(KOLODY, 1966 a, p. 37).

Este mesmo sentimento transpassa outros momentos de sua obra, como, por exemplo, no poema “Pesadelo”, no qual o pavor da destruição pela técnica alcança sua plenitude:

Em colunas cerradas de algarismos,
a fome agredia
a vida nascitura [...]
Esquálida,
vencida,
no pedestal das máquinas
agonizava
a vida dispensada(KOLODY, 2011, p. 87)

Kolody criticou o processo técnico, unindo-se a uma velha tradição de crítica à civilização moderna, considerada como marcada essencialmente pelo conteúdo de progresso técnico e científico, por seu materialismo inerente e pela volubilidade dos valores sociais, contrastando-o ironicamente com a barbárie-representada pela imagem do homem troglodita - que a espreita em seu próprio âmago -, como no poema “Selenita”,

O homem irá viver na Lua,
em cavernas.
Como se alegrará o troglodita,
soterrado em sólidas camadas
de civilização(KOLODY, 1966 a, p. 37).

Em outros momentos, apesar dos perigos apontados para a tradicional visão do sublime romântico, pela tecnificação da vida, a poeta flerta ligeiramente com o sublime tecnológico, isto é, aquele sentimento provocado pelos artefatos materializados que “proporcionam o sentimento do sublime para além do simbólico, que conduzem para além das medidas antropocêntricas”(COSTA, 1995, p. 20), que provoca o “deslocamento temporário de sensibilidade que força o observador em uma ação mental” (NYE, 1998, p. 6), ao narrar a “Ascensão ” de um foguete espacial

[...] Sobe o foguete,
numa explosão súbita de chamas
na cachoeira atroadora de som.

Azul celeste,
verde alfazema,
índigo,
violeta...
arco-íris e auroras boreais
no trajeto vertical da cosmonave

Cápsula em órbita,
leve e liberto,
o astronauta flutua:
peixe sideral
em aquário volante [...](KOLODY, 1966 a, p. 37).

A possibilidade da técnica como instrumento de transcendência e criação surge um pouco mais timidamente em outro momento do livro *Era Espacial*, como no poema “Ballet”:

Nuvem humana,
gaiivota lunar,
o astronauta flutua,
livre da gravidade
como os ressuscitados

Constelações iluminam seu bailado,
no tablado da noite universal (KOLODY, 1966a, p. 18)

Não obstante, podemos perceber que, de maneira geral, no livro *Era Espacial*, as representações de tecnologia tendem a mostrá-la como elemento de desencantamento do mundo, potencialmente padronizadora e conformadora dos seres humanos, tanto física como mentalmente. Helena Kolody parece tomada por uma visão romântica de mundo, aquela que mobiliza o imaginário social como forma de resistência aos aspectos destruidores da vida comum e dos valores sociais trazidos pelo capitalismo industrial, inimigo nunca enunciado diretamente em seus versos.

As imagens da resistência ao desencantamento do mundo, provocado especialmente pela tecnologia, tão exacerbadamente românticas, se dariam em sua obra através da exaltação dos valores comunitários, transcendentais/religiosos ou da pureza de sentimentos como o amor, como no exemplar “Coragem de Cantar”:

Florescer em canções
entre o metálico estridor
do transcorrer diário.

Cantar a alegria
em meio à tristeza pungente
do mundo precário.
Mais forte que o desamor,
elevar acima da solidão
o canto solidário(KOLODY, 2011, p. 120)¹².

A possibilidade da resistência interior, advinda da alma e do esforço do domínio de si, que poderia em algum momento romper a armadura racionalizadora, é exaltada

Em seu íntimo ignorado,
há uma estranha prisioneira,
cujos gritos estremecem
a metálica estrutura:

¹² Poema publicado originalmente no livro *Infinito Presente*, 1980.

há reflexos flamejantes
de uma luz imponderável
que perturbam a frieza
do blindado maquinomem(KOLODY, 1966a, p. 18).

A materialidade do mundo que parece fascinar Helena Kolody é, primeiramente, aquela dos elementos naturais, como rios, pássaros e florestas, onde existe um espaço em que ela ouve a “beleza lúcida das coisas”. Este espaço é construído, ou reencantado significativamente através da rememoração nostálgica do mundo que passa, para o qual a confirmação da nossa memória e, em certo grau da nossa identidade e existência, se dá pelos restos, vestígios quase arqueológicos do que fomos, na interação com as coisas, na ambiguidade das coisas(CRUZ, 1993, p. 90) como no poema “Pêndula”, de *Trilha Sonora*

Vão demolir o casarão da esquina, ornada de volutas,
fólias de acanto na fachada, em frios,
a sacada uma renda em ferro azul,
e a cascata de mármore da escada,

[...] No casarão vazio, acordam os fantasmas
dos que viveram no aconchego da lareira,
dos que dançaram sob a luz dos candelabros
e usaram linhos e baixelas e cristais
e finos gestos de olvidada cortesia (KOLODY, 1966b, p. 24-25)¹³.

Contudo, a lucidez das coisas, para Kolody, tem seus momentos de exaltação especialmente quando ligadas ao mundo do trabalho, que purifica religiosamente as técnicas voltadas para a sobrevivência humana. Kolody, ao enaltecer o trabalho, - especialmente em seus valores éticos pré-capitalistas, que aparentemente, através do processo de aplicação de uma certa habilidade ou energia a um material, ainda seria marca de autonomia do trabalhador, - também reafirma o valor da poesia. Seu papel de artesã autônoma das palavras surge ameaçado por um novo processo de produção, potencialmente negador

¹³KOLODY, 1966,op.cit., pp. 24-25

da autonomia do artífice, e até mesmo da própria base da poesia por ela praticada, como no poema a “Carroça de Tolda”, marcado pela nostalgia do trabalho agrícola e das tradições dos imigrantes:

[...] Rosto curtido,
mão calejada
guia a colona
lenta e calada.
Geme a carroça,
tão carregada!
Cantam os guizos da madrugada(KOLODY, 2011, p. 142)¹⁴

Kolody, talvez, estivesse diagnosticando o perigo de desaparecimento de seu fazer poético artesanal, “sinônimo de inquietação de um ofício”(CRUZ, 1993, p. 70). Em diálogo com o desaparecimento gradual das atividades do carroceiro e do ferreiro, havia o risco de ocorrer o apagamento dos saberes dos gráficos que para ela imprimiam e aprendiam com e através dos seus textos, em um processo político-cibernético de desqualificação de saberes e valores na nova fase da sociedade capitalista industrial, simbolizado na era espacial.

O livro *Era Espacial* inicia com a imagem de um cosmos harmônico impregnado pela divindade, e logo após consta-se que a ação humana mediada pela técnica, simbolizada pelos seus dois principais símbolos no período, o foguete espacial e a bomba atômica, atuava como potencialmente corrosiva e perigosa para a harmonia cósmica e social, e encerra com o poema Incógnita: “as galáxias fogem/no universo em expansão./Para onde?”(KOLODY, 1966a, p. 18). Na pergunta, sente-se o temor de que o processo de desencantamento e reificação do mundo continue a avançar desenfreadamente, contraindo o tempo e o espaço, que não poderão mais se deitar tranquilamente aos pés de Deus, seu melancólico e forte bastião da resistência romântica à modernidade.

¹⁴poema Carroça de Tolda, foi publicado originalmente no livro *A Vida Breve* de 1964 e foi traduzido para o ucraniano por WiraWouk e musicado por Pedro Kutchma (Kolody, 1986)

Conclusão

Ressaltamos que estas são algumas possibilidades de interpretação das representações de tecnologia na obra de Helena Kolody, uma temática que, talvez, seja secundária em sua obra, porém, capaz de trazer novas formas de compreensão para as relações entre literatura e história, materialidade sígnica e materialidade histórica. Kolody é, em *Era Espacial*, uma artífice, em alto grau, de representações que se contrapõem àquelas dominantes no imaginário social. Para isto, empreende operações complexas no seu fazer poético e, romântica e lucidamente, hibridiza estruturas residuais do passado e desloca representações hegemônicas sobre a técnica e a ciência, buscando, em uma nova estrutura de sentimentos, a reafirmação de uma alternativa ao presente racionalizador e potencialmente destrutivo. Podemos dizer que o sublime, transcendentemente almejado e cotidianamente construído pela poetisa, em sua faina plural com as palavras, assume, na obra *Era Espacial*, novas perspectivas de resistência romântica ao mundo que exalta o sublime tecnológico, em um momento de avanço das tensões trazidas pela modernização capitalista.

Referências

- MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional**. Rio de Janeiro:Zahar, 1973
- MELO, Cristiano Fiorilo de & WINTER, Othon Cabo. *A Era Espacial* in: Othon Cabo Winter& Antônio Fernando Bertachini de Almeida Prado. **A conquista do Espaço**. São Paulo: Livraria da Física, 2007.
- BURKE, Peter.**O Que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 84
- CHARTIER, Roger. O Mundo como representação, **Estudos. Avançados**. Vol.5 no.11 São Paulo Jan./Apr. 1991
- CHALHOUB, Sidney PEREIRA, Leonardo Affonso de M. Pereira (orgs.). **A História Contada**. Nova Fronteira:Rio de Janeiro, 1998

- CHAUÍ, Marilena & FRANCO, Maria Sylvia Carvalho, **Ideologia e Mobilização Popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra:CEDEC, 1978.
- COSTA, Mário. **O Sublime Tecnológico**. São Paulo: Experimento, 1995, p. 20
- COWAN, Ruth. **A Social History of Technology**. New York: Oxford University Press, 1997.
- CRUZ, Antonio Donizete. **Helena Kolody: A poesia da inquietação**. Porto Alegre:PUCRS (dissertação de mestrado), 1993.
- DICK, Steven J. and LAUNIUS, Roger D (orgs.) **Societal Impact of Space Flight**, Washington, DC: NASA, 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo**. Curitiba: Criar, 2003.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KOLODY, Helena. **Era Espacial**.Curitiba:Editora do SENAI, 1966 a
- KOLODY, Helena. **Trilha Sonora**.Curitiba:Editora do SENAI, 1966 b
- KOLODY, Helena. **Helena Kolody**. (organizado por Paulo Venturelli). Curitiba, UFPR, 1995
- KOLODY, Helena. **Infinita Sinfonia**.(org.AdeliaWollner)Curitiba: Edição do Autor, 2011
- LÖWY, Michel. **Romantismo e Messianismo**. São Paulo: Perspectiva: USP, 1990.
- LÖWY, Michel & SAYRE, Robert. **Romantismo e Política**. São Paulo: Paz e Terra, 1993
- MELO, Cristiano Fiorilo de & WINTER, Othon Cabo. *A Era Espacial in: Othon Cabo Winter& Antônio Fernando Bertachini de Almeida Prado. **A conquista do Espaço***. São Paulo: Livraria da Física, 2007.
- NYE, David E. **NarrativesandSpaces: Technology andtheconstructionof American Culture**.New York: Columbia University Press, 1997.
- NYE, David. **American Technological Sublime**. Cambridge(Mass.): MIT

Press, 1998

MATTOS, Olgária. **Os arcanos do inteiramente outros**; A Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução. São Paulo: Brasiliense, 1989.

THOMPSON, E, P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

VENTURELLI, Paulo. Investimento no próprio tom in: KOLODY, Helena. **Helena Kolody**.(organizado por Paulo Venturelli). Curitiba, UFPR, 1995, p. 5-18.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Do nacional desenvolvimentismo à Política Externa Independente(1945-1964), In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Tempo da experiência democrática**: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, pp. 195-216 MUMFORD, Lewis. **Técnica y Civilización**. Madrid: Alianza Editorial, 1982.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y Literatura**. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2009